

ANÁLISE DA PRODUÇÃO HOSPITALAR E DOS CUSTOS DA ANGIOPLASTIA CORONARIANA DE URGÊNCIA NO BRASIL: UMA SÉRIE TEMPORAL DE 2021 A 2025.

Ricardo Lopes Curzio¹, Enzo Fernandes Andriola², Matheus Nogueira de Carvalho³, Ana Clara Noschang de Oliveira⁴

^{1,2,3}Centro Universitário de Brasília (Uniceub), Brasília - DF, e, ⁴ Universidade de Rio Verde, Formosa - GO
ricardocurzio@sempreub.com

Introdução: As doenças cardiovasculares lideram as causas de óbito no Brasil, evidenciando o impacto severo dos fatores de riscos crônicos na saúde da população. Nesse cenário, a Angioplastia Coronariana (AC) consolidou-se como estratégia de revascularização preferencial nas síndromes coronarianas agudas, sendo fundamental para a restauração imediata do fluxo sanguíneo e consequente redução da mortalidade em emergências. **Objetivo:** Analisar a evolução temporal e o impacto econômico das angioplastias coronarianas realizadas em caráter de urgência no Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico, descritivo e quantitativo, realizado com dados secundários do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS) via plataforma TABNET. A coleta abrangeu o período de janeiro de 2021 a novembro de 2025. Selecionaram-se os procedimentos de "Angioplastia Coronariana com Implante de Stent" e "Angioplastia Coronariana Primária", filtrados por caráter de atendimento de Urgência e Alta Complexidade. As variáveis analisadas incluíram número de internações, valores (total e médio), óbitos e taxa de mortalidade hospitalar. **Resultados:** No período analisado, foram registradas 248.532 internações para AC de urgência, sendo 62,4% com implante de stent e 37,6% primária. Foi evidenciada uma tendência de crescimento sustentado na demanda: partindo de 42.218 procedimentos em 2021, o sistema absorveu 54.606 casos em 2024, representando um incremento de aproximadamente 29,3% no volume de atendimentos. Acompanhando essa tendência, o mês de agosto de 2025 apresentou o maior pico isolado de internações da série, com 5.340 procedimentos realizados. Sob a ótica financeira, o investimento público totalizou R\$ 1.692.701.057,80, com o valor médio por internação ascendendo de R\$ 6.168,79 em 2021 para R\$ 7.432,13 em 2024 (aumento de 20,4%), mantendo o patamar elevado de R\$ 7.425,32 no parcial de 2025. Em relação aos desfechos clínicos, foram contabilizados 8.292 óbitos, resultando em uma taxa de mortalidade média de 3,34%. Este indicador demonstrou notável estabilidade ao longo de toda a série histórica, com variações mínimas entre os anos, apesar do aumento expressivo no volume de atendimentos. **Conclusões:** Os dados evidenciam uma demanda crescente por AC, impactando diretamente o orçamento público. A estabilidade da taxa de mortalidade, mesmo diante do aumento da demanda, sugere que a rede de urgência e emergência mantém sua eficácia técnica; contudo, a escalada dos custos reforça a necessidade de gestão otimizada e fortalecimento de políticas de prevenção primária para garantir a sustentabilidade do sistema.

Palavras-chave: Epidemiologia Cardiovascular; Economia da Saúde; Gestão em Saúde.

Área Temática: Emergências Cardiovasculares

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Informações de Saúde (TABNET) – Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS)**. Brasília: DATASUS, 2026.

BRANT, Luisa Campos Caldeira et al. **Burden of Cardiovascular diseases attributable to risk factors in Brazil**: data from the "Global Burden of Disease 2019" study. Belo Horizonte: Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, 2022.

FERES, F. et al. **Diretriz da Sociedade Brasileira de Cardiologia e da Sociedade Brasileira de Hemodinâmica e Cardiologia Intervencionista sobre Intervenção Coronária Percutânea**. Rio de Janeiro: Arquivos Brasileiros de Cardiologia, 2017.